



RESPONSABILIDADE SOCIAL DA UNIVERSIDADE

pelo Prof. Eng. António de Sousa
da Câmara, do Instituto Superior
de Agronomia

Fundação Cuidar o Futuro



-1-

Está longe de ser fácil tratar da "Responsabilidade social da Universidade". É assunto tão vasto, tão complexo e por vezes tão delicado, que chego a pensar não terei forças para o discutir com a largueza e profundidade convenientes. E não posso esquecer que esta minha exposição não deve ultrapassar o tempo regulamentar, embora saiba antecipadamente que a matéria dá não para uma Tese de Congresso mas para volumosos livros, ricos de factos e de ideias.

Muito difícil, portanto, vai ser, para mim, condensar em uma conferência, com a extensão permitida, tudo quanto desejaria dizer, mesmo que aqui e além me demore, abusando da paciência do auditório, para dar de alguns aspectos, que reputo com maior importância, relato mais detido.

Parto, pois, desta convicção desalentadora de que por mais me esforce ficarei muito aquém das aspirações dos dirigentes da JUC, longe de satisfazer os propósitos dos que depositaram confiança na minha pessoa para tratar de semelhante tema. Embora muito me desvaneça a honra que me foi atribuída, temo sinceramente que venha provar com esta palestra que fizeram muito mal em bater à minha modesta porta.

Entretanto, sinto que nenhuma outra ocasião poderia deparar mais propícia, para entrar no debate da "Responsabilidade social da Universidade", do que a deste Congresso. Falar para estudantes é sempre um prazer é falar para a mocidade, o mesmo é dizer, para o futuro, para a alegria esperançosa do amanhã. Ora quando os estudantes são filiados da Juventude Universitária Católica, que por essa razão mostram possuir já orientação religiosa definida, por conseguinte noção superior da moral e da forma como se devem comportar na sociedade, esse prazer é ainda maior, pois tem-se a certeza de que a semente das palavras cairá sempre em meio fértil.

Demais se o meu objectivo é discutir formas de levar a Universidade a cumprir as suas responsabilidades sociais, quando tenho a convicção profunda de que as medidas a tomar têm de ser inspiradas pela força invencível do cristianismo, quando creio firmemente que as deficiências e vícios só terão cura com uma Fé invencível que possa ehe-

gar à elevação e união das almas, ¿ que melhor auditório poderia eu encontrar senão este?

É assim me encho de ânimo para encetar a minha árdua tarefa.

A Universidade é em todos os países a central do saber, a forja da cultura, o viveiro de estudiosos e de dirigentes da sociedade. É ainda a Universidade que inspira as concepções filosóficas que orientam os rumos nacionais, que apontam objectivos nobres e generosos, que rasgam as vastas perspectivas do futuro, que instilam nos povos a mística das grandes realizações ou das grandes transformações políticas, económicas ou sociais.

Na palavra Universidade, ressoa o seu próprio espírito: a universalidade da ciência que cultiva e ensina, da cultura que entesoura, desenvolve e transmite, dos valores eternos em que se fundamenta e que estranhadamente defende.

Reconhece-se, mundialmente, que a Universidade deve ser verdadeira geradora da civilização, o centro impulsionador das actividades científicas que conduzem à melhoria da produção dos bens materiais, e sobretudo — função de alto relevo — o "meio" propício à formação dos universitários, com a ética e os conhecimentos de que a comunidade necessita, proporcionando a maior parte dos dirigentes que hão-de constituir o escol da Nação.

Reconhece-se, porém, que ainda não pode cumprir integralmente essas missões. A evolução social através dos séculos, não foi acompanhada a par e passo pela evolução conveniente e oportuna da Universidade. Nesta entraram infelizmente defeitos, desses que ia enfermado o ambiente. Não pôde ou não soube adoptar as medidas que a tempo defendessem a pureza das suas instituições, e lhe assegurassem, com uma conduta irrepreensível, o domínio e a orientação eficazes da sociedade.

Expressões, com este significado, podem ler-se em numerosos idiomas. Na Europa e na América, muitos pensadores se têm preocupado com este problema. Mesmo nos países que lograram realizar as melhores Universidades, que conseguiram convertê-las em reais instrumentos de cultura, que manifestamente se empenharam a fundo na investigação científica, sendo fermento e estímulo de todas as actividades dentro dos



seus territórios, que sem discussão têm realizado uma obra meritória de educação e ensino, constituindo alfobre fecundo de dirigentes da sociedade, mesmo aí, muitas Vozes se têm erguido a acusar defeitos, a diagnosticar males, e a apontar caminhos novos que os possam evitar, anular ou pelo menos atenuar. Mesmo aí se diz que as Universidades estão em crise!

Não admirará, assim, que noutros países, onde por razões de vária índole, se não conseguiu dar ou manter grande desenvolvimento às Universidades, onde, por defeitos de educação geral, se tem tardado em compreender os seus benefícios na preparação do escol e no fomento da investigação científica, a crise se mostre com mais evidência, mais dolorosamente, apresentando consequências graves.




-2-

Vem de longe a crítica da Universidade. Em quase todos os países, o debate interessou vivamente a opinião pública, publicando-se numerosos escritos, discutindo interessada e apaixonadamente vários aspectos do problema. Pode dizer-se que esse interesse não cessou, pelo contrário, com o andar do tempo, com as transformações profundas que se têm verificado na vida da sociedade, cada vez ele é maior.

Por toda a parte se diz que a Universidade carece de reforma, declarando-se ser indispensável intervir prontamente na vida universitária, a fim de que ela se robusteça, se torne mais sábia, mais útil à Humanidade, que ofereça resistência vitoriosa ao "meio", no que ele possa ter de mau, sob as nefastas influências do crescente domínio das "massas".

Desde a série de discursos pronunciados, há justamente um século, pelo Cardeal Neuman, um dos mais brilhantes filhos da Universidade de Oxford, muitos e valiosos depoimentos se têm produzido. Naturalmente, era de esperar que houvesse larga controvérsia, existindo tantas e tão variadas opiniões. Vindas de indivíduos com "formações" diferentes, aparecendo demais em períodos distintos, nos quais se deram transformações radicais das sociedades, era lógico que se vissem critérios desencontrados e até opostos.

Sem embargo, há que reconhecer que as discrepâncias são mais aparentes do que reais.



Pode supor-se que há divergências extremas, quando, na idéia básica de Newman, a Universidade deve "formar a homem" e não "ensinar o especialista", e quando, no pensamento de outros, deve aparecer à frente de tudo a investigação científica. Mas, realmente, quem apregoa a necessidade imprescindível de fomentar a sêde de investigação científica, sabe que esta tem alto valor educador, que ela constitui talvez uma das maneiras mais rápidas de imprimir à juventude muitas das qualidades, que a Universidade procura incutir-lhe. Pretendendo-se dar prioridade à investigação, no fundo, está-se a apoiar Newman, na sua famosa obra "Idea of University".

A maneira de pensar de Newman, ainda não perdeu actualidade. Há pouco tempo, outra figura da mesma Universidade de Oxford, Goodhart, ao pronunciar-se sobre a natureza e os fins da Universidade, mantinha-se na mesma trajectória do pensamento Newmaniano e afirmava que ela deveria imprimir duas qualidades de importância extrema: primeira, a clareza do pensamento, segunda, a curiosidade intelectual.

A clareza do pensamento obriga a cuidar dessas qualidades que o Cardeal Newman invocava: a curiosidade intelectual busca que os estudantes sejam estimulados a pensar por si mesmos, habituando-se a considerar os problemas pelos vários ângulos possíveis, a colherem, em fim, esse bom costume de raciocinar a que ele chamava "hábito filosófico".

Desenvolver o homem completo, no sentido em que a frase foi usada pelos filósofos gregos, eis o que se considera, por muita parte, a primeira missão da Universidade. "O homem completo não é o que tem mais saber, mas aquele que está melhor preparado para o adquirir. Não é o que esse homem aprendeu mas como aprendeu".

O livro "Red Brick University", que provavelmente será conhecido de muitos universitários portugueses, tão largamente discutido, tem uma série de comentários que merecem meditação. Quem o lê, fica de entrada com a idéia de que está em viva contradição com o pensamento de Newman.

Este proclamava que a Universidade devia ser "a place of teaching universal knowledge" e que o seu objectivo devia ser mais a difusão e extensão de conhecimentos do que o seu avanço. Pelo contrário, o autor anónimo, desse curioso livro, coloca deliberadamente a investiga-



ção à frente do ensino. Sustenta que a primeira deve ser paciente e incansável, incutindo o espírito de investigação, mesmo nos mais novos estudantes, e que o segundo — o ensino — deve ser sistemático e metódico, aturado e rico, estimulando e provocando o pensamento, de tal modo que se vejam os dois objectivos da Universidade tão intimamente entrelaçados que não se possam separar.

A disciplina da investigação — sustenta o mesmo autor — é muito mais benéfica que a própria investigação. Com estas palavras se descortina claramente a sua idéia. Desde que lhe atribui tão alto valor na formação da personalidade do estudante, quando fala de investigação, querendo atribuir-lhe a prioridade na Universidade, realmente está a falar também de educação. A discrepância, portanto, não é tão profunda como se podia julgar.

-3-

Os americanos dizem que as Universidades devem servir os Estados a que pertencem e a nação, promovendo uma educação superior de acordo com as exigências da democracia, especificadamente: (1) oferecendo as suas facilidades de educação a todos que sejam educáveis (2) educando a mocidade para o completo desenvolvimento da inteligência e da personalidade, (3) educando a mocidade para a formação de dirigentes e sensato conhecimento dos seus deveres como cidadãos, (4) transmitindo a herança social do saber e da cultura, (5) encorajando o seu desenvolvimento incessante e (6) tolerando a liberdade de pensamento e de expressão.

Decerto, ninguém objectará contra estes objectivos elevados. Têm-se como coincidindo com as aspirações dos povos. Sômente, as palavras não possuem o dom de resolver os problemas: tantas vezes se têm proferido e sem embargo se verifica que as Universidades estão longe de responder cabalmente a esses quesitos.

Na Europa tem-se declarado que se deve pedir à Universidade uma triplíce função: (1) formar profissionais (2) criar ciência, (3) criar e difundir cultura.

Outros apresentam as mesmas funções, mas dispendo-as por ordem diferente: (1) prosseguir a marcha no desconhecido trabalhando por



alargar o saber, isto é, investigar; (2) difundir os conhecimentos adquiridos, transmitindo, às sucessivas gerações de estudantes, o saber acumulado, os descobrimentos realizados no estrangeiro e no próprio país; e, por fim (3) preparar os profissionais que a Nação reclama, para as várias actividades técnicas e científicas.

Naturalmente, reconhece-se que estas funções não são tudo, ainda que possa admitir-se, que, ao formar esses profissionais, não basta dar-lhes os conhecimentos da sua profissão, mas os da ética, que os eleve moralmente e lhes faça compreender a grandeza e a servidão das suas missões.

Todos estarão de acordo em crer que sobre a Universidade recai a enorme responsabilidade social de ter de contribuir poderosamente para a elevação da Humanidade. Consegui-lo-á, assim se entende, se estiver devidamente organizada e se fôr servida por seres humanos de alta qualidade; caso fôr impotente, mal preparada, guarnecida com gente mercenária, que apenas se serve dela para atingir fins materiais, o fracasso será certo!

Creio que há a consciência de que será perfeitamente inútil reformar a Universidade, senão houver inteligências e vontades corajosas, desinteressadas, dotadas de tenacidade a toda a prova, apostadas em servir a causa universitária, nos seus múltiplos aspectos, com dedicação ilimitada, em verdadeiro apostolado. Se não houver um grupo suficientemente numeroso de professores, com essas qualidades eminentes, dedicando-se devotadamente aos seus alunos, às suas cátedras, ao seu trabalho, prontos a viver as suas vidas na Universidade, se entre eles não houver uma forte maioria que se dedique à investigação, conhecendo os seus profundos reflexos no avanço da ciência e na educação da juventude, se não houver, em suma, esses exemplos, serão perfeitamente vãos todos os esforços que se façam para aperfeiçoar a Universidade!

Só com exemplos se conseguirá a grande obra da educação e através dela tudo quanto se espera da Universidade. Se não os houver, se não for possível criá-los, a Universidade não merecerá esta designação, nunca será outra coisa que um conjunto maior ou menor de escolas supersecundárias, ou subuniversitárias — como se quizer — não chegando a superiores, onde se forjam diplomados, mas onde não se educará gente com educação universitária. E não se tenha a ingenuidade de su-



por que tudo se remediará com edifícios novos, com magníficas instalações, com belas fachadas! Esses nunca passarão de corpos sem almas!
Se não houver exemplos não haverá Universidade!

-4-

Perante esta verdade, não é animadora a situação actual da Universidade portuguesa! Os exemplos, os bons exemplos, no sentido dos professores inteiramente dedicados às suas cátedras, não abundam. Dir-se-ia até que a opinião pública já admite essa situação como uma fatalidade inevitável!

O Professor Marcelo Caetano aludia a este facto, comentando a posição de "...aqueles professores que não convivem com os seus discípulos, porque lhes falta o tempo para se dedicarem às coisas universitárias". Acrescentava que não podíamos censurá-los, devido às más condições económicas em que vive um professor em Portugal. E salientava a circunstância desses professores serem solicitados, nos grandes centros, por numerosas ocupações remuneradas:

"...é o país tão pobre de escol que a cada passo, a administração pública, as grandes empresas, os grandes laboratórios, tudo o que pode recrutar bons valores, está a solicitar os professores." "E estes — quantas vezes com o coração despedaçado, mas sem o direito de prejudicar os filhos — aceitam e reduzem primeiro a metade a actividade docente, para de todo a abandonarem depois."

Nestas palavras, creio eu, se encontra fácil justificação, não só para o nível reconhecidamente baixo da nossa Universidade, para o seu atrazo manifesto, mas também para a pobreza do país em "élites". Como há-de ser alto esse nível, se os professores, na sua maioria, não se dedicam aos trabalhos universitários? Naturalmente, as "élites", se se geram nas Universidades, carecem de exemplos; se estes não existem na quantidade precisa, se os valores intelectuais, morais e profissionais, que receberam a honrosa missão de ensinar, desertam dos seus postos, como se há-de gerar o escol? Se os professores se limitam a preleccionar na Universidade, já não dispendo de tempo para atender às coisas universitárias, procurando apressadamente outros rumos que sejam mais lucrativos, como poderão exercer a sua alta função edu



cativa?

E entramos num ciclo vicioso de dramáticas consequências! O escol é pobre, logo — assim pensam alguns dirigentes, — há que utili sar os professores em numerosas funções remuneradoras, alhétas ao seu mister. Mas dessa maneira, os exemplos que dão à juventude nem sempre serão os mais convenientes.

Quem não pratica o desinteresse e a renúncia não os podem prégar!

Quem não se dedica à vida universitária, não poderá procla-
mar a grandeza da sua missão, na educação e formação da mocidade.

Em suma, esses professores não lograrão nunca criar escol. A camada de dirigentes, que sair das suas mãos, será "formada" à sua imagem e semelhança. E, então, surgirá um suposto "escol" de geração espontânea, ou, o que será pior, de fabrico apressado, por escolha das entidades directivas, por favor, ou por simpatias.

Decerto ninguém imaginará que Marcelo Caetano exagera, pois conhece perfeitamente o que se passa nas Universidades; e todos nós sa-
bemos que é assim rigorosamente exacto.

Demais, não é só esse ilustre professor que o declara. Mais recentemente, na oração de sapiência, com que se inaugurou o ano lecti-
vo de 1952-53, da Universidade Técnica, o distinto Professor Pires Car-
doso pronunciou afirmações semelhantes — "ao referir-se à circunstân-
cia do espírito corporativo, sente que ele não irrompe e se expande en-
tre o corpo de professores com a pujança que seria legítimo esperar,
sobretudo pela escassa permanência do mestre na instituição em que en-
sina". E logo acrescenta: "que o professor, em regra, entra na escola
à hora da aula e sai quando ela termina. Exerceu pontualmente uma fun-
ção burocrática".

Daqui resultam, sem dúvida, os grandes obstáculos com que a
Universidade portuguesa luta para que possa cumprir a sua missão. Mais
que a falta de instalações, a escassez de material de investigação, a
pobresa de recursos, a insuficiência das bibliotecas, pesa como um far-
do insuportável, para a marcha da Universidade, esta circunstância, to-
mada já como um hábito, dos professores não poderem ser exemplos do
verdadeiro sacerdócio, de não se dedicarem aos seus discípulos, ao en-
sino da sua ciência e à investigação.

Assim, a necessidade de reformar a Universidade portuguesa depara com tremendas dificuldades. E tão grandes que se chega mesmo a ser pessimista, havendo até quem julgue que não há já maneira de evitar os males apontados.

-5-



Vamos tratar de dois assuntos, relativos às funções da Universidade: na investigação científica e na formação do escol. Cremos que, tratando destes dois problemas, consideraremos simultaneamente, por estarem intimamente relacionados, muitos dos outros que se prendem com a responsabilidade social da Universidade.

Possivelmente a investigação científica ainda não encontrou ambiente favorável, em Portugal, devido ao facto da maioria dos professores do ensino superior não se dedicarem a ela.

Deste modo, os que investigam, que vão contra a corrente, encontram, muitas vezes, ambiente adverso. Fatalmente, suscitam-se, entre uns e outros, desentendimentos, com consequências funestas para a vida universitária.

Dum lado, os professores-investigadores sentem-se em situação de inferioridade material, porque têm vida mais trabalhosa, mais difícil, não podem conquistar os elevados rendimentos dos outros que têm numerosas acumulações fóra da Universidade. Nem sequer têm compensação moral, na maior parte dos casos, porque o "meio" não está suficientemente educado, não conhece a importância da investigação científica, e julga, tantas vezes, que o professor mais notável é o palavroso, esse a que se convencionou chamar brilhante. Sem querer ou por querer, fazem os seus comentários severos, bem pouco agradáveis, aos colegas não investigadores. Estes sentem-se naturalmente magoados, com tais críticas, e reconhecendo, no íntimo, que a sua posição é ingrata, julgam defender-se, apodando a investigação científica portuguesa de inútil ou pelo menos praticada por gente de segunda ordem, que nunca poderá competir com a investigação científica mundial.

Há, evidentemente, exagero de parte a parte. Seria realmente vantajoso que muitos professores fossem investigadores, mas não parece que deva condenar-se um bom professor, que sabe respeitar o trabalho



dos outros, que espalha confiança à sua volta, que inclusivamente encaminha estudantes para os laboratórios ou outros centros de investigação, só porque ele próprio não passa aí os seus dias. Demais há matérias que não carecem de investigação. Nem todos os professores universitários a podem realizar. Em vez dos rigorismos de tantos, que muitas vezes terminam por claudicar também, ante a imposição implacável das difíceis condições da vida, parece antes preferível buscar a melhor compreensão. E ainda que lutando e trabalhando pela existência do maior número de professores universitários, que tenham pouco que fazer — na curiosa expressão de Salazar — para que façam muito, não parece aconselhável nem justo castigar todos cujas vidas não estejam ligadas à investigação científica.

O ideal seria que a maioria dos professores fossem investigadores. Mas muita coisa na vida é boa sem ser a ideal!

Entre nós, encontra facilmente éco a afirmação de que os professores-investigadores são maus expositores, incapazes de realizar bons cursos sobre as suas especialidades.

Conta-se, na verdade, que grandes investigadores regem mal. Não há crítico, deste género, que não refira, como exemplo edificante, o do grande histologista Ramon y Cajal, aparecer, nas aulas, distraí-díssimo, falando mal, com ar maçado, completamente esquecido do assunto que devia ensinar e dos estudantes que o procuravam ouvir.

Mas não se alude à série de professores-expositores, apenas transmissores verbais dos textos que estudaram — sabe Deus há quantos anos! — que dão aulas, igualmente sem interesse e sem utilidade.

Em compensação, podem citar-se muitos e gloriosos casos de magníficos professores-investigadores serem expositores de grande categoria, fluentes e brilhantes, entusiasmando todos que os ouviam. O certo de que o professor-investigador, lá porque é investigador, há-de ser forçosamente enfadonho, preocupado com coisas insignificantes, um miudinho que entorna ondas de aborrecimento à sua volta, não corresponde à verdade!

Demais, é compreensível que se o professor-investigador descure o ensino, mas vive na Universidade, e está sempre pronto para atender e ajudar os seus discípulos, ele é muito mais útil, para essa Universidade, que o professor, com saber exclusivamente adquirido nos li-



vros-textos, que de cima da cátedra expende as doutrinas que leu, e que logo, concluída a aula, abandona apressadamente a escola, a Faculdade, para... ir à sua vida!

Deverá lembrar-se que do tipo professor-investigador, mau para o ensino, ainda ficam nomes gloriosos. E do outro tipo, ninguém os lembrará! Do primeiro, veja-se o exemplo de Cajal. Não seria ele um professor modelo! Mas deixou um rasto luminoso na Universidade espanhola, que jamais se extinguirá; e conseguiu revolucionar a consciência da Espanha, quanto à necessidade da investigação científica! A ele se deve, em grande parte, a profunda transformação das instituições do país vizinho, que hoje culminam nesse "Consejo Superior de Investigaciones Científicas", realização admirável do General Franco, do seu Ministro da Educação Nacional Ibañez Martín e sobretudo do professor-investigador Albareda, verdadeiro monge, apóstolo devotado da sua causa, vivendo para a Fé e para a ciência, num exemplo que todos admiram e a muitos inspira. Pois essa organização gigantesca, nascida gloriosamente num período de guerra, provém, ainda, da influência profunda do grande Ramon y Cajal, — o tal professor que algumas vezes esquecia os seus alunos, para melhor se entregar ao laboratório e aos escritos que haviam de levantar a Universidade!

Há, realmente, a possibilidade de um professor-investigador não acertar com o bom desempenho das suas funções, nas aulas teóricas. Mas, ao lado desses, há outros, igualmente investigadores, que fazem do magistério uma obra de esplendor.

Nesses casos, o mestre educa os seus discípulos, descobre-lhes as vocações, orienta-os, incute-lhes entusiasmo, compenetra-os do valor da investigação, forma-os, proporciona-lhes os métodos, as ferramentas, a bibliografia, anima-lhes os primeiros passos.

Um professor que é simultaneamente investigador, e que dispõe de qualidades de exposição e de cultura, comunica às suas lições outro brilho, outra penetração, do que se fosse simples professor-expositor. A diferença entre um e outro é manifesta.

É comparável à que existe entre uma imagem em relevo e uma imagem plana. Não admira que o investigador seja melhor, que as suas palavras pareçam radiactivas, que mesmo poucas consigam efeitos múltiplos e profundos.

Por outro lado, ensinar o saber, adquirido, exclusivamente, nos livros, dá aos estudantes uma idéa errada de facilidade, e tira-lhes o gosto de pesquisar, de experimentar. Por muito brilho que um tal professor ponha nas suas palavras, não logrará dar aquela parcela de emoção das idéias vividas, arduamente trabalhadas, longamente meditadas, facto que toda a gente admira, embora muitas vezes se não aperceba de tal. Um professor, que não investiga, anda quase sempre atrasado ou com conhecimento imperfeito das últimas conquistas. Mesmo que seja devorador da literatura, em muitos casos, não pode avaliar onde está o bom e onde está o mau. Quem trabalha, quem lida de perto com esses estudos, quem está dentro da matéria, quem procura esclarecer os problemas com a sua parcela de esforço, a sua investigação, encontra-se habilitado a não confundir, como tantas vezes sucede, "a palha das palavras com o grão das coisas".

-6-



A Investigação tem valor formativo — é já banal dizê-lo — pois reclama labor, e o labor educa. Pede mais que esse trabalho seja ordenado e disciplinado, e isso aperfeiçoa quem o pratica. Exige persistência, continuidade, e estas qualidades são básicas do êxito do trabalho. Necessita espírito de iniciativa e ele é garantia do sucesso de qualquer empreendimento, da eliminação da rotina, no que tenha de atrazo injustificado ou inércia nociva. Requer planeamento sensato das actividades, eliminação dos improvisos, e isso é norma salutar em toda a obra. Demanda observação rigorosa, raciocínio seguro, visão precisa e pronta dos acontecimentos, — levando a formar juízos largos e desempoeirados, concebidos com a maior objectividade — e essas são regras indispensáveis de toda a formação científica. Precisa de sólidas leituras, de estudo profundo e extenso, da documentação mais substancial, que conduz à análise séria dos problemas, ao respeito pelas opiniões bem aliceadas e ao desprezo dos testemunhos erguidos ao acaso, sem qualquer fundamento científico, e tais condições dão o maior respeito pela verdade.

Tudo isto, ninguém pode negar, caracteriza o trabalho da investigação; também ninguém poderá negar o seu alto valor formativo.



"Mas não há, como exprime Albareda, em linguagem tão pene-
"trante, uma ciência que tenha o monopólio do valor formativo, "
"como não há um "sport" que tenha o exclusivo do desenvolvimen-
"to físico. Todas as ciências ou artes, ou conhecimentos... tu-
"do isso separado ou junto, dá do mundo e do viver uma imagem "
"sem medula e sem finalidade. Toda a ciência humana, todo o ti-
"po de humanismo, isoladamente, deixam-nos frios, opacos, indi-
"ferentes... "La vida solo tiene sentido y valor, luz y vibra- "
"cion, cuando en el humano incide el rayo divino."

A Universidade — repito mais uma vez — deve ser a estimula
dora por excelência, da investigação científica, sabendo ajuizar em
verdadeira grandeza todos os seus benefícios, não só para a sociedade,
pelos progressos que promove, mas também pela educação que realiza.

Tem de se acentuar, como Houssay o proclamava, que "As Facul
dades que não investigam são escolas de ofícios, subuniversitárias,
marcham a reboque das que a fazem, das que são tributárias, sem reci-
procidade". Ou como escrevia Sir Charles Grant Robertson, na sua obra
"The British Universities" — "uma Universidade que se dedica exclusi-
vamente ao ensino não é uma Universidade".

Tem-se a investigação como educadora, mas sabe-se que não é
bálsamo para todas as feridas e, evidentemente, não pode considerar-se
remédio para todas as enfermidades de que sofre a Universidade. Sem dú-
vida contém em si uma grande força material e espiritual: encaminha a
juventude, ensina-a a seguir as boas rotas humanas, colando-lhe uma sé-
rie de qualidades de alta valia, dá-lhe mesmo o conceito da coesão, o
espírito de "equipe" — mais do que nunca o trabalho de laboratório é
trabalho de "equipe" — e por isso leva-a para as sadias direcções da
cooperação, para a boa compreensão, para a humildade no trabalho, para
a modestia e simplicidade.

Mas creio que toda a gente reconhecerá que essa investigação
tão fecunda, requer hoje que se busquem as sínteses criadoras, que se
encontre a forma de as esclarecer e compreender, com as convergências
de pensamento, que como raios dum espectro luminoso atravessem o pris-
ma que sintetise a luz branca, a que melhor ilumine o horizonte.

Sente-se que a toda a ansia do saber humano, nascido com a
investigação, tem faltado espírito religioso. Os homens em vez de fa-



zerem ciência, para se aproximar de Deus, afastaram-se d'Ele.

Ninguém ignora a esplendorosa era de descobrimentos científicos, glória da nossa civilização! Ninguém pode desconhecer que com eles se elevou o nível de vida de muitas populações, que se libertaram os povos de muitos dos seus inimigos terríveis através dos séculos, da fome e de várias doenças. As conquistas gloriosas dos homens de ciência permitiram levar a terra a produzir mais e melhor, conseguiram que as plantas e os animais fossem mais produtivos, que resistissem com mais eficácia às enfermidades ou parasitas. Em páginas magníficas de actividade científica, a Humanidade assinalou rasgados triunfos, na defesa da saúde dos homens, descobrindo as regras da melhor nutrição, fixando as normas da boa higiene, e combatendo em acções maravilhosas algumas das mais terríveis doenças que dizimavam as populações. Nas comunicações, na indústria, na infinidade de novos produtos, novas máquinas e novas ferramentas, a ciência tem logrado grandes e assinaladas vitórias! Para ela devem ir as expressões reconhecidas da Humanidade, grata a todos esses que, nos segredos dos seus laboratórios, em luta contra a adversidade das coisas, rasgaram tão amplos e gloriosos caminhos! É como, em grande parte, a investigação científica, que proporcionou tais conquistas, vem da Universidade ou é inspirada pela Universidade, para ela se devem dirigir os olhares agradecidos de todos os povos!

Apesar da euforia que se respira, neste magnífico desenvolvimento da ciência, sente-se que os homens não estão felizes, que não se encontram tranquilos.

A ciência tanto pode levar às maiores maravilhas como à maior destruição.

"Se por um lado louvamos a Deus, agradecendo as conquistas"
"que nos tem concedido, prémio de cansaças científicas de tan-"
"tos, por outro levantamos preces ardentes para que invenções "
"semelhantes, que surgirão dos laboratórios, não sejam nunca "
"mal aplicadas".

"A ética da ciência surge aos nossos olhos com o fulgor de"
"uma estrela, que não pode consentir desorientações, que ordena"
"uma marcha segura, inflexivelmente firme, no sentido da Humaní-"
"dade e da justiça".

"A investigação científica é arma de dois gumes: tanto pode" "dar a salvação como a destruição."

Realmente, há forte motivo para inquietações, pois, em todo o caminho científico moderno, a ética tem sido relegada para um plano secundário.

Levou-se às culminâncias da intelectualidade o desenvolvimento científico, sobre ele se concentraram as atenções gerais. E esqueceu-se a moral!

O homem afastou-se dos caminhos que a doutrina cristã aponta. Cego com o fulgor das suas conquistas, encheu-se de orgulho desmedido, de petulância incomensurável, olvidou que só Deus permitiu que o génio humano se não perdesse em locubrações estêreis, antes lograsse realizações fecundas.

-7-



Toda a gente reconhece que as sociedades devem esforçar-se por elevar o nível social do maior número possível de seres humanos. Mas tem de se partir do facto inegável de que entre eles existem sempre diferenças individuais. Uns serão melhores do que outros. Evidentemente há que recrutar, entre esses, os que não-de servir de dirigentes, de guias, os que não-de constituir o escol da Nação.

Aqui se chega a um dos problemas mais sérios da actualidade, para o qual se espera a Universidade encontre soluções.

Apurar, seleccionar e educar uma aristocracia, merecedora deste nome, eis uma das questões mais importantes dos tempos que correm, e com certeza uma das questões mais graves dos tempos que se aproximam.

Já o dizia Salazar em 1919 — "O nosso problema é o da formação de "élites" que eduquem e dirijam a Nação. A sua fraqueza ou deficiência é a mais grave crise nacional".

Naturalmente, o problema da renovação do escol não é um problema exclusivamente português. Por toda a parte se admite que a actual crise das sociedades é uma crise de dirigentes. Nasce essa crise da própria falta das "élites", que não souberam respeitar os seus deveres. Com o decorrer do tempo, notou-se que, na maior parte dos casos, os



que constituíam o escol não se apercebiam dos seus erros, não compreendiam as suas responsabilidades e não evidenciavam qualquer intenção de mudar de rumo.

O vocábulo "aristocracia" — com o significado de "governo dos melhores" — foi deturpado pelo mau uso.

Durante séculos a aristocracia transmitia-se pelo sangue, e as qualidades que a caracterizavam, bravura, lealdade, generosidade, constituíam características hereditárias.

A aristocracia era apurada, por via de regra, através de severas provas: quem ascendia a ela tinha demonstrado, em acção, possuir atributos elevados. O princípio de "noblesse oblige", enquanto foi respeitado, enquanto levou os que pertenciam a essa camada da sociedade ao religioso respeito dos seus deveres, ainda que para tal tivessem de sacrificar os seus bens e até as próprias vidas, manteve a aristocracia na posição de dirigente incontestável.

Quando a aristocracia se enfraqueceu, quando prevaricou, quando perdeu o prestígio que a rodeava, invadiu a sociedade outra mentalidade, a mentalidade burguesa. A ética anterior sofreu rudes golpes e viu-se surgir uma concepção materialista da vida.

Evidentemente, desde que o critério de selecção passava a ser quantitativo — "muito tens muito vales, pouco tens nada vales" — a aristocracia já não deveria merecer tal designação.

É compreensível que, deste modo, a camada dirigente não soubesse resistir à cobiça, à ambição, a paixões. E desde que se abastardou, sacrificando tudo para que as riquezas de que beneficiavam aumentassem, perdeu a força que poderia ter. Já ninguém a sério a tomaria como escol.

Este fenómeno acarretou a perda de confiança nas camadas dirigentes. Por isso, em toda a parte, se proclama ser necessário renovar esse grupo da sociedade.

¿ Serão a inteligência e a cultura as qualidades que determinam a renovação do escol de amanhã? Se assim fosse, sendo desligadas das qualidades morais, também não seria grande o benefício. Acabar-se-ia por cair numa outra aristocracia, talvez a das profissões técnicas, numa tecnocracia fria, dura, cruel, deshumana, repulsiva, sem caridade, sem nobreza nem generosidade. Desprovida de ética cristã nada garanti-



ria que não se encaminhasse no mesmo sentido da actual plutocracia, e que, mais tarde ou mais cedo, não prevaricasse também.

"A qualidade aristocrática — escrevia Azoia — é virtude pessoal que se adquire como todas as virtudes, isto é, mediante ascesis, como diziam os gregos e os teólogos, mediante o treino, como dizem os desportistas, e eu digo com licença duns e doutros, mediante a educação".

É por isso, por ser obra fundamentalmente de educação, que há a esperança de que a Universidade possa contribuir para a realizar.

Mas, para tal é necessário que os estudantes encontrem aí as boas presenças dos mestres — dignos deste nome — os exemplos.

Só com bons exemplos — tornamos a insistir — é que se chegará a abandonar a triste mentalidade actual, corrente, de exigir tudo dos outros e nada exigir de si próprio, de gosar privilégios, sem querer compreender que eles têm o necessário reverso de obrigações e sacrifícios. Só possuindo tais exemplos, gente que evidencie o desejo de melhorar continuamente tanto no moral como no intelectual, que denote estar possuída de fé, consciente e invencível de que se renuncia ou as suas penas não são estéreis, antes produzirão frutos abundantes, é que a Universidade poderá promover a formação dum escol.

Duvida-se, porém, que a Universidade dos nossos dias, com os seus defeitos, seja capaz de fornecer os exemplos considerados indispensáveis a obra de tal transcendência.

Não se trata só de os obter em qualidade. É preciso tê-los também em quantidade. Senão, os bons exemplos terão de suportar numerosas lutas, conhecerão o travo amargo de muita derrota, ver-se-ão desamparados num "meio" indiferente, senão hostil, e acabarão, na maior parte dos casos, por ser anulados pelos maus exemplos. A quantidade tem pois de aparecer, porque ela é não só a garantia do melhoramento incessante da qualidade, mas também a força da sobrevivência. Com muitos exemplos desses, a natural e benéfica emulação, que se estabelecer, fará que eles sejam cada vez melhores, mais educativos, mais dignos de criarem um escol.

¿ Poderá encarar-se, com optimismo, essa exigência, da Universidade dispor dos exemplos, que se consideram fundamentais, para poder desempenhar-se de tão importantíssima missão?



Dir-se-á que, em certas Faculdades, existem já ou existiram sempre esses bons e notáveis exemplos, que há nelas bastantes professores com as características apontadas e que, sem dúvida nenhuma, eles provaram, ao longo das suas vidas laboriosas, devotadas ao ensino, à investigação, lutando corajosa e tenazmente pela elevação da Universidade, que as considerações que produzimos correspondem rigorosamente à realidade. Sucede, porém, que, em outras Faculdades, menos afortunadas, esses exemplos são menos abundantes e infelizmente não se nota nelas qualquer indício de que estejam em vésperas de experimentar transformações benéficas. Pelo contrário, parece que cada vez se mostra mais verdadeira aquela crítica mordaz que atrás referi, de que muitos professores das Universidades não têm agora tempo para se dedicar às coisas universitárias!...

IE podemos repetir até à saciedade. Se não houver exemplos, jamais a Universidade formará um escol. Criará uma camada de privilegiados, ou eles formar-se-ão a si próprios, mas nunca fabricará os dirigentes que honrem o País e a sociedade!!

A mentalidade materialista continuará a impor-se e mostrar-se-á tão apegada às coisas terrenas, absorvida pelos interesses materiais, fascinada pelas paixões e dominada pelos apetites e vícios, que a sociedade será cada vez mais egoísta, mais afastada dos valores morais, pendendo irresistivelmente para o medíocre, para o vulgar, com abaixamento contínuo do nível geral.

Se a Universidade não tiver forças, para vencer este estado de coisas, se não encontrar os exemplos, nunca chegará a ser, como de via, esse "foco irradiável de valores culturais e fermento de novas orientações vitais" como preceituava uma das conclusões do XIX Congresso da Pax Romana.

-8-

Não são, de pessimismo as minhas palavras. Elas pretendem antes ser animadoras, capazes de suscitar as melhores esperanças.

Penso que se o mal de que enferma a Universidade pode diagnosticar-se não será coisa terrivelmente complicada e muito menos impossível encontrar-lhe a terapêutica adequada. Creio, firmemente, que o



diagnóstico da doença fundamental universitária é esse que atrás se apontou: FALTAM EXEMPLOS!

Há pois que partir daí, lutar por todas as formas para que os bons exemplos apareçam ou aumentem!

Demais, a Universidade não se encontra só em campo! Para tal empresa, outra força intervirá; e essa, incomparavelmente mais poderosa e eficiente!

Se as qualidades que os "bons exemplos" devem apresentar são principalmente virtudes cristãs, desinteresse, generosidade, espírito de sacrifício e de amor, ¿ onde poderiam formar-se melhor que à sombra protectora da Igreja?

A Universidade, entregue exclusivamente a si própria, talvez não chegasse a produzir, na quantidade necessária, os "exemplos" de que carece. Mas sob a influência benéfica da religião, do Cristianismo vivificador, eles hão-de surgir!

Errar-se-ia -- e o erro seria pago bem caro! -- se se julgasse possível que a Universidade, só por si, era capaz de semelhante obra. A história bem mostra como se deu o abastardamento da Universidade, como se diluíram os bons exemplos, quando ela se afastou da religião.

Certamente, a Universidade não pode ficar numa cómoda expectativa! Embora contando com a ajuda portentosa da religião, com a sua eficácia decisiva, mesmo assim, tem de lutar para conquistar bons exemplos.

Creio que eles aparecerão, e com frequência incomparavelmente superior à que muitos prevêm, se houver a possibilidade de desenvolver a investigação científica nas Universidades. Pelo que disse, com a presença duma investigação activa, muitos professores darão os tais exemplos. A pouco e pouco, generalisando-se o hábito de prolongar a permanência nas escolas, os Professores poderão conviver mais com os estudantes, dar-lhes a ajuda de que precisam, o apoio científico e moral que eles tantas vezes ansiosamente esperam.

Se houver uma grande organização de investigação, que assegure meios de trabalho, ambiente agradável ao labor científico, e alguma satisfação material e moral aos professores, muitos deles, anteriormente refractários à investigação, converter-se-ão em seus paladinos.



Naturalmente, poderia entrar-se no serviço de tempo integral, no regime de full-time, que tão bons resultados tem dado em vários países. Isso compensaria já, em muitos casos, o trabalho de excelentes professores que ainda se dedicam completamente e a despeito de tudo à sua Universidade.

Afigura-se-me, contudo, que o regime de full-time, embora aumentasse o número de investigadores universitários, proporcionando-lhes a tranquilidade de espírito, eliminando ou atenuando as duras dificuldades materiais dos que já se entregam devotadamente à investigação, teria de completar-se com outras medidas. ¿E que medidas seriam essas?

Suponho que de todas, a mais simples, aquela que surtiria resultados de maior projecção, a que pode garantir o apoio necessário a toda a obra de investigação universitária, consistiria em instituir em Portugal uma grande organização, como a que em Espanha se criou sob o nome de "Consejo Superior de Investigaciones Cientificas".

Ela permitiria ser o viveiro de investigadores, o local de trabalho de todos os valores que as Universidades não pudessem absorver, e constituiria a central coordenadora, orientadora e impulsadora de toda a investigação científica nacional.

Os quadros reduzidos, das várias secções universitárias, inibem a formação de "equipes" numerosas de investigadores. E sabe-se que hoje a investigação científica não pode prescindir do trabalho de "equipes". Depois, sucede que havendo poucos trabalhadores, em dado laboratório, se torna mais difícil criar nele a atmosfera de trabalho conveniente de lhe imprimir o "espírito" necessário. Os novos, que aí estagiam, não vêm diante de si perspectivas risonhas de futuro; mantêm-se, por conseguinte, apenas enquanto não encontram posição mais favorável que ofereça outras garantias. Desta arte, torna-se tarefa ingrata e espinhosa a um catedrático, por melhor investigador e educador que seja, criar uma escola, em que os discípulos se possam lançar decidida e abertamente nos largos e prometedores caminhos da investigação. Em suma, sente-se que é preciso encontrar uma forma de alargar consideravelmente, e em curto espaço de tempo, as organizações que se empenham na investigação científica. Ora, com este fim, a criação das empresas investigadoras, distintas das Universidades, não obstante se conservem ligados a elas por íntimas relações, tem sido coroada em to-

da a parte do maior sucesso. Não enfraquecem as Universidades, pelo contrário reforçam-nas! Constituem a bem dizer o prolongamento natural da Universidade em matéria de investigação. Dão-lhe maior vitalidade, constantemente lhe insuflam uma nova vida, preparam-lhe pessoal docente, fixam e valorizam os investigadores sobrantes, rasgam-lhe vastos horizontes com as maiores facilidades de trabalho que podem proporcionar.

A organização famosa alemã, que se conheceu com o nome de "Kaiser Wilhelm Gesellschaft", que nasceu justamente para comemorar o centenário da Universidade de Berlim, foi uma das mais vastas e úteis empresas de investigação e talvez a que abriu o caminho a todas as outras que surgiram nos vários países.

O "Consejo Superior de Investigaciones Cientificas" da Espanha nasceu logo após a cruenta guerra civil, com o objectivo de restaurar a unidade clássica e cristã das ciências, promovendo o total desenvolvimento da Ciência, procurando evitar, de todos os modos, a hipertrofia anómala de uns ramos, com sacrifício de outros. Essa vasta empresa que cobre todo o território da Espanha, em ligação estreita com as Universidades, merece os maiores elogios, não só pela obra de renascença científica que está a realizar, como pela elevação inegável da população universitária e das suas camadas dirigentes.

Seria uma organização semelhante a esta, que desejava ver erguida em Portugal! Convenço-me que ela teria os mesmos êxitos que conquistou o "Consejo Superior de Investigaciones Cientificas", em Espanha; que conseguiria ser aqui a grande renovadora da investigação científica, e por isso seria a eficaz reformadora da Universidade portuguesa.

Não se imaginará, decerto, que o nosso Instituto de Alta Cultura seja o organismo português correspondente ao "Consejo Superior de Investigaciones Cientificas". Só quem ignorar em absoluto o que é a organização espanhola poderá ter essa ilusão.

Os que ambicionam que, na nossa Terra, se crie uma potente e valiosa empresa de investigação científica, supuzeram que um debate, travado na Assembleia Nacional, há 3 anos, em que se ouviram muitas e autorizadas opiniões, exceptuando evidentemente a de quem abriu a discussão, que fui eu, conduziria à transformação vantajosa do Instituto para a Alta Cultura. Ansiosamente, aguardaram que surgisse a lei, tra-



zendo a almejada reforma. Com alegria, leram depois o parecer da Câmara Corporativa que, dentro da melhor doutrina, analisava a necessidade vital de organizar a investigação científica no nosso País.

O resultado, de que tudo isso não foi certamente o que se esperava! Não se logrou ver qualquer resultado, pelo menos por enquanto, no âmbito da investigação científica! E a substituição do antigo nome do "Instituto para a Alta Cultura" pelo actual de "Instituto de Alta Cultura", até agora a modificação mais visível, para quem está de fóra, em mera observação, não é de molde a tranquilisar os que desejam ardentemente ver criada, por fim, em Portugal uma vasta e poderosa organização rica e eficiente, cobrindo todos os ramos da investigação científica. Em suma, essa organização, que se considera indispensável e inadiável, para a elevação da Universidade, para a defesa da Cultura, para a elevação da produção, e para a renovação do escol, não apareceu ainda infelizmente na Terra portuguesa!

-9-

Fundação Cuidar o Futuro

É evidente que a responsabilidade social da Universidade não ficaria totalmente atendida só com o assegurar desenvolvimento à investigação científica, ainda que se lhe atribua alto valor formativo e se esperem dela as melhores consequências para a vida universitária. Algo mais e de grande importância há que considerar!

Como comunidade de professores e de estudantes ao serviço da grei, a Universidade deve procurar, por todos os modos, que a convivência entre uns e outros aumente. Para isso não se vê melhor método do que o seguido entre nós em outros tempos, e ainda adoptado, com reconhecido êxito, em certas Universidades Inglesas, -- esse método dos "colégios", que reapareceu em Espanha com grande vitalidade, depois da guerra civil.

O assunto dos "colégios" é tão importante, dele depende em tão elevado grau o sucesso das Universidades inglesas, a educação da sua juventude, que merece nos demoremos um pouco a considerá-lo.

Tem-se, como certo, o conceito de que a Universidade deve ver-se como uma família, uma grande família.

"Em conformidade com este princípio - opinava Lasso de la Vega -"
"a docencia é fundamentalmente, tutela e catequese, e leva consi"



"go a mais profunda influência, ou como agora se diz, o impacto"
"do indivíduos sobre o indivíduo. O estudante participa na ela-"
"boração das doutrinas, toma parte nas discussões e colabora no"
"descobrimento da verdade; não é um ente passivo, senão activo,"
"um elemento fundamentalmente cooperador. Assim o poder formati"
"vo das Universidades não teve a sua origem nas explicações de "
"classe, nas práticas de seminários ou laboratórios, mas na vi-"
"da em comum, no trato social universitário".



Citava este autor, a propósito, que o Cardeal Newman dizia que se lhe dessem a escolher entre uns estudantes que haviam vivido em vida corporativa, mas que não tinham recebido ensino capaz, que não haviam sido sequer examinados, e outros estudantes, fóra dessa vida corporativa, que pelo contrário haviam passado em exames rigorosos de aptidão, ele não vacilaria: escolheria imediatamente os primeiros.

Isto mostra o alto apreço em que o Cardeal Newman, tinha a vida corporativa das Universidades, sempre facilmente realizado quando há nelas colégios. Na verdade, a longa experiência tem demonstrado que, na Inglaterra, os "colleges" são mais do que a força da Universidade, — a própria força da sociedade britânica, a sua sólida essatura nacional, a origem dos seus "leaders", a garantia de continuidade duma vigorosa e sempre rejuvenescida aristocracia.

A vida em comum, nesses colégios, o encontro diário na Igreja ou na Capela, no refeitório, nas salas de estudo, na biblioteca, nos campos de jogos, no ginásio, na grande "casa de estar" com frequentes e longas conversações, nos "meetings", que alargam horizontes, educam a discutir objectivamente e ensinam a trabalhar em cooperação, têm os mais salutares efeitos, levando os jovens a uma melhor compreensão mútua, ao respeito das opiniões alheias, à tolerância e à solidariedade.

Os professores, que vivem nesses colégios, com os estudantes, são os seus grandes guias, as grandes autoridades cuja palavra e exemplo se seguem voluntariamente, sem pressões de qualquer espécie.

Creio que não é preciso confrontar o valor formativo das Universidades que dispõem de "colégios" — bem organizados, instalados em boas condições, servidos por um grupo devotado de excelentes professores — com as Universidades que os não possuem. A grande diferença,

provadamente em desfavor das segundas, mostra-se mais flagrante nos países em que este problema não mereceu ainda qualquer atenção por parte dos dirigentes, quando os estudantes, não podendo viver com suas famílias, têm de se instalar em "repúblicas", em casas de hóspedes ou em pensões acessíveis às suas magras bolsas.

Julgo que ninguém porá em dúvida que, se um colégio pode elevar um jovem, pelas relações que aí estabelece, pelos constantes exemplos que os seus guias lhe dão, pela permanente assistência religiosa, moral e espiritual que proporciona, pela vida sã e desportiva que lhe faculta, as pensões, ao contrário, com o quadro típico conhecido de toda a gente, não podem ter qualquer efeito útil na educação.

Estou pronto a acreditar, quando faltam colégios e os estudantes não podem viver no seio de suas famílias, ainda a melhor solução se encontraria nas chamadas "repúblicas". Convenço-me mesmo que, em outros tempos, as "repúblicas" de Coimbra, por exemplo, eram as responsáveis, dada a convivência que estabeleciam entre alunos de várias faculdades, pelo alargamento da sua cultura geral.

! Se se pudessem organizar boas "repúblicas", confortáveis, criando ambiente agradável, em que sempre houvesse alguns estudantes de boa formação moral e religiosa, em que muitos fossem jovens de bom carácter, generosas e leais, pertencendo a diversas escolas, o que permitiria se travasse entre eles animado intercâmbio intelectual, não se faria sentir tanto nas nossas Universidades, a falta de colégios.

Mas, nesse meio em que os estudantes são frequentemente obrigados a viver, para frequentarem as Universidades, meio que não é pobre — pois a pobreza também é formativa — mas pelintra, meio muitas vezes insalubre moralmente, com convivências pouco recomendáveis, mais propícias ao rebaixamento do nível moral e espiritual dos jovens, do que para o elevar, não podemos tirar outra conclusão senão esta: — que falta fazem, meu Deus, os Colégios Universitários!

Todas as tentativas de organização de residências universitárias como as que a J.U.C. em boa hora instituiu, merecem os melhores louvores. Elas são decerto um passo para acudir a essa necessidade que se aponta — que resulta da Universidade como comunidade constituir uma família de professores e alunos.



Fundação Cuidar o Futuro

Mas voltando ao assunto dos "colégios", desejo insistir na sua alta função educadora. Ninguém ignora que o "college" britânico é o formador do "gentleman" que, sobre as qualidades intelectuais, há-de possuir nobresa, lealdade, carácter, conduta moral irrepreensível. A mesma aspiração tem a Espanha com os seus "colégios mayores" buscando forjar, entre os estudantes universitários, o tipo tradicional do "hidalgo español".

Ao medirar neste problema não posso deixar de pensar no que poderiam ser as nossas Universidades, se fossem dotadas de tais colégios. Vejo em particular a Universidade de Coimbra, talvez devido à circunstância de ser ela entre as nossas Universidades a que tem sabido manter mais fielmente as praxes universitárias, talvez devido à sua situação privilegiada, naquela paisagem tranquila de tão grandes encantos, que convida a estudar e a sonhar.

Vejo essa Universidade, erguendo-se sobre a colina de beleza inesquecível, tendo a seus pés, junto ao rio, em parques vastos e risonhos, entre grandes e lindas árvores, uma série de amplos edifícios, de grande dignidade arquitectónica, — os colégios. Vejo estes rodeados de campos de jogos, animados de numerosos estudantes, entregues aos seus desportos, dedicando-se entusiasmamente, nos intervalos dos estudos, às actividades atléticas. Vejo, depois, os académicos a darem lições de cavalheirismo desportivo, em toda a parte, não só nas pugnas entre colégios, mas também com outras Universidades e até com outras agremiações. Vejo os estudantes atraídos para o Mondego, então regularizado, ordenado, civilizado, alegrando o ambiente com as suas regatas ou treinos de remo.

Vejo esses colégios a imprimirem grande actividade intelectual aos escolares, incitando-os a estudar a sério, a dedicarem-se a valer aos problemas, animando-os a participarem de reuniões onde se discutam assuntos do mais alto interesse científico, técnico, social ou económico. Vejo os estudantes, nessas discussões produtivas, com colegas e professores, habituando-se a respeitar opiniões contrárias, bem documentadas, a manter serenidade nos debates, a considerar sempre cientificamente as questões.

Vejo os estudantes interessados em todos os trabalhos de extensão universitária, acompanhando os Mestres na sua acção interna, patriótica, ao serviço da Nação; vejo-os empenhados a fundo numa vasta



obra educativa das massas populares. Vejo-os interessados em buscar sempre as melhores relações com os jovens menos afortunados que não puderam beneficiar duma educação universitária.

Vejo os colégios como factor decisivo para que a "Universidade possa fomentar sólidamente o espírito cívico e nacional, estudando as necessidades concretas e actuais do país, e aplicando ao seu remédio os conhecimentos das diversas especialidades".

Vejo esses colégios, pelas orientações que imprimem aos estudantes pela melhoria da sua educação, pela maior vitalidade que darão à Universidade, a garantia de que ela, dedicada ao estudo e irradiação da verdade, observe uma conduta exemplar como instituição e depois exerça uma crítica honesta, nobre e construtiva de tudo o que encontre deficiente e sanável na sociedade (conclusões do Congresso da Pax Romana).

Vejo, enfim, os colégios no seu máximo esplendor, apoiando e reforçando a Universidade, aumentando-lhe os meios de acção, dilatando-lhe as forças e o espírito para a grande obra da educação nacional!

Fundação Cuidar o Futuro

Em todo este longo discorrer, considerámos exclusivamente a Universidade ao serviço nacional. Demoradamente, analisámos os seus horizontes dilatados, a sua importância transcendente na elevação da cultura do País, na produção de ciência, na preparação de dirigentes, no fomento das actividades que conduzem à maior produção de bens materiais. Mas não ponderaríamos completamente as suas responsabilidades sociais se não reparássemos na notável acção internacional que há-de desempenhar. A influência da Universidade ultrapassará fronteiras, levará os frutos do seu saber a toda a parte, procurando estabelecer intenso intercambio com as Universidades dos outros países, igualmente apostadas nos seus nobres e elevados ideais.

Como preceituava a conclusão 13ª da II Tese, do XIX Congresso da Pax Romana, "a Universidade deve desenvolver com firmeza um trabalho eficaz de aproximação das várias Nações, criando esse clima, mais que internacional, supranacional, como lhe chamou Pio XII, onde os homens de estudo se compreenderão, se abraçam e trabalham juntos em



tarefas comuns, utilizando todos os meios sãos, que levam tanto a essa aproximação como à compreensão e ajuda mútua das diversas Universidades".

Reconhece-se, em todo o mundo ocidental, que a cooperação entre as instituições de educação superior deve ser cada vez mais activa e permanente. Tem-se a convicção de que as relações universitárias que se venham a estabelecer, terão efeitos prodigiosos não só para o progresso incessante da ciência e das suas aplicações, para a defesa mais firme da cultura, mas também para o melhor entendimento entre os povos e maior garantia de paz.

Em todos os tempos, as Universidades compreenderam amplamente as vantagens desses intercâmbios. No presente, porém, a sua necessidade e seu alcance mostram-se ainda muito mais evidentes, dadas as transformações que se verificarem. A facilidade e a rapidez dos transportes, ao encurtarem as distâncias, ao aproximarem de maneira incrível os continentes, parecendo encaminhar o Mundo para uma unidade nova, nunca conhecida, rasgaram horizontes mais claros, prometedores duma maior compreensão entre as Nações.

A permuta entre varios países de professores e estudantes, a troca de métodos, técnicas e material de trabalho, a realização de reuniões científicas internacionais de todos os géneros — conferências, congressos, "Symposia", — tudo isso que pode facilitar um activo e dinámico intercâmbio universitário, torna-se hoje coisa incomparavelmente mais fácil, mais acessível, do que há bem poucos anos atrás. É compreensível que esta facilidade, que cada vez há-de ser maior, com os incessantes progressos dos transportes, terá consequências profundas no incremento das relações universitárias, com reflexos seguros e vantajosos na marcha das ciências e no desenvolvimento das Universidades.

Assiste-se, nos tempos que correm, a uma fantástica transformação da vida mundial. Há que reconhecer, quer queiramos quer não, que muitos dos problemas, que preocupam os homens, nos quadros político, económico, social, cultural e educacional, se têm de ver, na actualidade, com dimensões mundiais. Há que abandonar os velhos conceitos de isolacionismo, quaisquer que forem as formas por que se apresentem. Ninguém poderá hoje poder ignorar esta realidade! Os acontecimentos forçaram a ter uma visão geral das questões, no mundo, se se quer localizar devidamente as nossas.



A velha Universidade, cheia de honrosas tradições, que sempre foi autentica cidadela da cultura, que ao abrigo das suas paredes vetustas, na atmosfera tranquila das aulas, bibliotecas, gabinetes de trabalho e laboratórios, lutou com tenacidade inquebrantável para assegurar o avanço nacional do saber humano, sente que tem de criar, entre os que a guardam, professores ou escolares, uma mentalidade diferente da que norteou o seu passado. No presente, essa mentalidade tem de ser supranacional. A Universidade reconhecerá ainda, certamente, que tem de juntar esforços vigorosos e porfiados, para que essa mentalidade transponha os seus muros, atinja todas as camadas da sociedade, muitas delas ainda presas a velhos conceitos de regionalismos exagerados ou deformados.

Um acontecimento dramático torna este sentimento mais penetrante e leva à convicção de que da mudança de mentalidade resultará em grande parte a defesa eficaz do ocidente e da sua civilização. A ameaça que representa o leste europeu, com a sua hostilidade evidente e o imenso potencial guerreiro que acumulou, é de molde a fazer compreender, mesmo aos mais rebeldes, a aceitação dos conceitos e vantagens dos intercâmbios, que as forças ocidentais se têm de unir, não só no campo material mas sobretudo no espiritual. Daí a grande urgência da Universidade, responsável da civilização ocidental, arquivo e forja dos seus ideais, se manter alerta, procurando por todas as formas estar em permanente ligação com os seus irmãos de armas de todos os países interessados na mesma causa.

Grandes responsabilidades têm, pois, as Universidades. Serão elas, por fim, que, em cooperação íntima, conseguirão dar estabilidade, resistência e conteúdo à ordem nova que, se Deus permitir, se forjará sobre as fronteiras, para que um período de Paz cubra com o seu manto benéfico o mundo inteiro.

Mas sempre se reconhecerá que a grande couraça que há-de defender a Humanidade será a religiosidade de que ela estiver impregnada. Possa a Universidade ser um foco irradiante dessa luz, e o seu trabalho de aproximação entre as várias Nações não ficará como mera aspiração, mas como uma realização esplendorosa, origem do entendimento e felicidade dos povos.



CONCLUSÕES



1. Considera-se que a Universidade só poderá cumprir a sua responsabilidade social, quando possua numerosos bons exemplos, professores que a sirvam com a maior dedicação, em verdadeiro apostolado.
2. Entende-se que, para atingir esse objectivo, é necessário estabelecer o regime de "full-time".
3. Entende-se mais que é indispensável criar uma organização poderosa de investigação científica e que se trabalhe para lhe assegurar a liberdade e largueza de meios necessários.
4. Para que a Universidade possa cumprir a sua missão social, importa educar os estudantes com respeito pela ética das várias profissões, procurando por todas as formas criar um escol digno deste nome; e julgar-se que tal objectivo será mais facilmente alcançado dotando as Universidades de colégios.
5. A sua responsabilidade social será facilitada com um intercâmbio activo internacional, trabalhando-se para que a Universidade possa agir em clima supranacional, como lhe chamou Pio XII.